

Para além de Boas, no espírito de Boas: explorando a semiótica da interação

Leland McCleary

Professor Doutor (aposentado) do Departamento de Letras Modernas/Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-9799-6646>

Evani Viotti

Professora Doutora do Departamento de Linguística/Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-0511-6569>

viotti@usp.br

Introdução

Se agora, em 2022, os alunos brasileiros podem ler na Internet que Franz Boas é conhecido como “o pai da antropologia americana” (Rezende 2022), precisamos perguntar por que os primeiros livros publicados no Brasil com textos de Franz Boas, que, segundo uma das editoras, é “um dos mais importantes antropólogos de todos os tempos”, só chegam a ser lançados em 2004, sessenta e dois anos após sua morte (Boas 2004a; Boas 2004b). Igualmente intrigante é sua pouca penetração na área da linguística no Brasil, quando Boas também foi um dos primeiros e maiores campeões das descrições linguísticas das línguas indígenas americanas.

Quem estuda linguística geral no Brasil provavelmente terá ouvido falar muito pouco de Franz Boas, exceto, talvez, na área de linguística indígena, onde o nome desse grande estudioso das línguas e culturas dos povos nativos da América do Norte é certamente mais conhecido, embora, mesmo nessa área, haja pouca referência a sua obra. Em contrapartida, na América do Norte, o trabalho e as ideias de Boas tiveram grande impacto sobre o desenvolvimento da linguística. Além de ser organizador do *Handbook of*

American Indian Languages, publicado em 1911, cinco anos antes do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, Boas criou em 1917 o *International Journal of American Linguistics*, o primeiro periódico internacional dedicado aos estudos das línguas indígenas americanas, que, por sua vez, exerceu forte influência sobre a linguística geral americana (Beck & Gerdts 2017). Em 1924, Boas foi um dos fundadores – e o quarto presidente – da Linguistic Society of America (LSA), marcando, desde o início da institucionalização da linguística como disciplina, a presença e a relevância da linguística antropológica. Entre os primeiros quarenta presidentes da Sociedade, cinco eram antropólogos, dentre os quais, além de Boas, dois eram seus alunos (Edward Sapir e Alfred Kroeber) e os outros dois eram alunos de seus alunos (Charles Voegelin foi aluno de Kroeber e Harry Hoijer, aluno de Sapir). Além desses, mais dois alunos de Sapir foram presidentes da LSA, ambos formados em linguística – Murray Emeneau e Mary Haas¹.

Qual, então, seria a causa dessa posição periférica atribuída a Franz Boas pela linguística brasileira? A resposta está nas esferas de influência dentro das quais a pesquisa linguística se desenvolveu, especialmente entre as décadas de 1940 e 1960 quando tiveram início aqui os primeiros trabalhos de caráter estruturalista. Em um estudo pioneiro intitulado *A Guerra Fria Estruturalista*, Cristina Altman analisa a repercussão, na linguística brasileira, dos modelos desenvolvidos na Europa a partir das propostas de Saussure, especialmente no Círculo Linguístico de Praga, e dos modelos desenvolvidos nos Estados Unidos, particularmente por Edward Sapir e por Leonard Bloomfield. Sapir, como já visto, foi um ex-aluno de Boas. Seu livro, *Language*, publicado em 1921, teve grande impacto e foi frequentemente comparado ao *Curso* de Saussure (Koerner 2020: 168-172). Bloomfield, fundador de uma versão antimentalista do estruturalismo distinta da versão mentalista de Sapir, compartilhava com ele o rigor que impunha à descrição de dados (Altman 2021).

Chama a atenção o fato de que, em um estudo historiográfico criterioso como o de Altman (2021), não haja referências diretas ao trabalho de Boas. Foi o estruturalismo europeu do Círculo Linguístico de Praga, fortemente influenciado por Saussure, que impactou a linguística brasileira em seus primórdios. Dos estruturalismos americanos, muito pouco chegou até nós, e mesmo assim indiretamente. As notícias iniciais sobre as ideias de Sapir e de Bloomfield chegaram por aqui através de Mattoso Câmara Jr., que delas soube pelo contato direto com Roman Jakobson, este sim, um grande admirador de Boas (Jakobson 1944). À época da visita de Mattoso Câmara Jr. a Nova Iorque, Jakobson era professor da Columbia University, onde Boas, mesmo aposentado, ainda trabalharia

1 Para outras perspectivas sobre a influência de Boas no início da antropologia e linguística norteamericanas, ver Darnell (2000) e Bernstein (2002).

até sua morte, menos de um ano antes da chegada de Mattoso Câmara Jr. Mas este, com toda a proximidade que teve com Jakobson, preferiu se orientar pelo trabalho que Jakobson desenvolvia junto à Escola de Praga a se deixar cativar pelo descritivismo dos estruturalistas americanos.

Um dos motivos para essa resistência da linguística brasileira ao estruturalismo americano se deve ao fato de que os métodos descritivistas de Boas e Sapir se mostravam incompatíveis com as áreas de interesse dos estudiosos brasileiros à época em que aqui a linguística emergia como ciência. O foco dos estudos da linguagem naquele período estava na filologia, na dialetologia e na lexicologia praticadas a partir de textos escritos. Ao mesmo tempo, as posições antimentalistas de Bloomfield causavam muita rejeição entre os pesquisadores brasileiros (Altman 2021: 76). Apenas por volta dos anos 1950, quando linguistas do Museu Nacional começaram a trabalhar com as línguas indígenas brasileiras é que os estruturalistas americanos passaram a ficar mais conhecidos no Brasil, a partir da orientação inicial dada por linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL) (Altman 2021: 90).

Na próxima seção, vamos colocar lado a lado alguns dos fundamentos da linguística brasileira com algumas das ideias de Boas desenvolvidas na Introdução ao *Handbook of American Indian Languages* para sugerir que, caso as ideias de Boas tivessem sido adotadas, elas teriam possivelmente mudado o rumo da linguística brasileira em direção à centralidade da fala e a uma visão mais dinâmica de semiose.

A emergente linguística brasileira e os ensinamentos de Boas

A linguística brasileira, nascida sob a forte influência do Círculo Linguístico de Praga, por sua vez altamente impactado pelo pensamento de Saussure, é, de maneira geral, uma linguística mais voltada para questões teóricas do que para a descrição de línguas. Essa tendência se reforçou ainda mais quando as ideias de Chomsky chegaram ao Brasil, dando início aos estudos da sintaxe do português brasileiro feitos a partir dos preceitos teóricos da gramática gerativa. No estruturalismo de base saussuriana, as descrições sempre parecem estar a serviço de discussões teóricas envolvendo o sistema linguístico, a natureza do signo, e, especialmente, sobre a noção de valor, que é o que em última instância vai determinar as funções dos elementos linguísticos dentro do sistema.² Os dados sob

2 Um exemplo que deixa clara a noção de valor e que foi tão bem estudado pelo Círculo Linguístico de Praga é a noção de fonema em oposição à de fone. Os fones estão associados às realizações fonéticas que ocorrem na fala, em toda a sua variabilidade, com todos os seus aspectos contingenciais, e todas as suas idiossincrasias. O fonema é uma abstração teórica, que neutraliza a variabilidade das realizações fonéticas para manter apenas um conjunto de traços que são necessários e suficientes para distinguir um signo de outro. Por exemplo, se um paulistano pronuncia *co[s]ta* e um carioca pronuncia *co[ʃ]ta*, a

análise na absoluta maioria das vezes vêm de textos escritos, muitas vezes literários. Na gramática gerativa, as descrições vêm envolvidas por questionamentos também de natureza teórica sobre a gramática universal, sobre as noções de princípios, parâmetros (como defini-los, como delimitá-los), sobre as relações entre língua e mente, e sobre como a emergência da língua entre os humanos seria definidora da espécie. Os dados, de maneira geral, são obtidos por meio de eliciações que se fundam nas intuições dos falantes, e são apartados de qualquer contexto situacional em que tenham sido ou venham a ser produzidos. Mesmo quando esses contextos são mencionados, eles são hipotetizados, não correspondendo, de maneira geral, a contextos reais efetivamente observados. E línguas de diferentes famílias linguísticas são descritas a partir do mesmo conjunto de categorias e unidades linguísticas estabelecidas a partir dos estudos de línguas indo-europeias. Pode-se dizer que essas duas fortes correntes da linguística brasileira – o estruturalismo europeu e a gramática gerativa – se organizam em torno de “teorias à procura de dados”, e não em torno de “dados à procura de uma teoria” (Slobin 2008: 117). Paralelamente a isso, especialmente no que concerne à vertente estruturalista dos estudos sobre a linguagem praticada no Brasil, não se fomenta o interesse pelas interfaces da linguística, nem com as ciências cognitivas e a biologia, como acontece no âmbito da gramática gerativa, nem com a antropologia, a sociologia, ou outras ciências sociais. A linguística que emergiu no Brasil é uma linguística voltada para si mesma, que afasta de seu campo de interesse a atividade cotidiana do ser humano imerso em uma ecologia sócio-histórico-cultural constituída, entre outras coisas, por suas interações comunicativas.³

Em oposição a essa visão fundadora da linguística brasileira, Franz Boas propunha um entendimento diferente sobre a natureza do objeto da linguística. O estudo das línguas indígenas norte-americanas deixava clara a necessidade de criação de paradigmas de descrição e análise linguística diversos daqueles usados para dar conta das línguas indo-europeias (Boas 1911: 35; Epps et al. 2017: 46). Esses novos paradigmas envolvem questões metodológicas que, naturalmente, acabam por implicar questões teóricas. O ponto de partida dos estudos linguísticos e antropológicos de Boas é voltar a atenção aos fatos que efetivamente emergem das interações humanas, sempre situadas em uma

diferença do som ‘s’ em final de sílaba é interessante do ponto de vista fonético (e sociolinguístico), mas não tem relevância para o sistema do português brasileiro, na medida em que não cria uma oposição de significado. O mesmo não acontece em outros contextos fonéticos. Entre vogais, por exemplo, a diferença entre a pronúncia [s] e a pronúncia [ʃ] tem valor no sistema. Comparem ‘assar’(a[s]ar) e ‘achar’ (a[ʃ]ar). Os símbolos que aparecem entre colchetes correspondem aos fones.

3 Ferguson (1977: 1) questiona a possibilidade de a linguística poder ser uma ciência completamente autônoma, preferindo entendê-la quer como um ramo da psicologia, quer como um ramo da antropologia, abrindo diferentes perspectivas para o estudo das línguas e para o trabalho dos linguistas.

ecologia cultural e histórica mais ampla.⁴ De início, então, fica claro que o interesse de Boas está na fala, e não na *langue* ou em qualquer outro tipo de abstração. Aquilo que geralmente se entende como um conjunto geral de regras abstratas que se depuram a partir dos fatos deve ser restrito ao mínimo: nada mais do que é realmente essencial e comum a todas as línguas observadas. O foco deve estar nas especificidades de cada língua; o que importa é a diversidade linguística, e não qualquer ideia de generalização que possa subjazer à diversidade (Epps et al. 2017: 41-42). Essa postura está de acordo com as tendências seguidas no âmbito da antropologia. Por um lado, antropólogos estudam uma dada comunidade comparando-a com outras na expectativa de encontrar extensas e profundas diferenças culturais entre elas; por outro, buscam traços comuns entre sociedades de diversas partes do mundo, em áreas culturais distintas, e em diferentes estágios de desenvolvimento econômico (Ferguson 1977: 2-3).

Apesar das limitações tecnológicas do seu tempo, Boas prezava o cuidado que se deve ter na documentação dos fatos linguísticos. Sua sugestão era a de que as narrativas orais, ditadas ou transcritas diretamente por falantes nativos, fossem a fonte privilegiada para a obtenção de dados. A transcrição deveria se nortear pela ideia de que cada língua deve ser analisada em seus próprios termos, e não a partir de categorias criadas com base no estudo de outras línguas – especialmente as da família indo-europeia – e assumidas aprioristicamente (Boas 2022: 36-37, 39-40, 43-45, 80-82; Epps et al. 2017: 42). Tanto os estudos de base saussuriana quanto os de base chomskyana incorreram nesse erro, os primeiros porque se originaram da tradição histórico-comparativa do século XIX, e os segundos porque assumem que as características das línguas indo-europeias – especialmente as do inglês – são universais (Haspelmath 2007: 121; Progovac 2019: 3).

Outro aspecto do pensamento de Boas que advém do foco nos fatos observados realisticamente e que contrasta, mais uma vez, com a prática da linguística que emergia no Brasil em meados do século XX, é a importância dada ao contexto cultural e histórico em que as línguas vivem. Línguas não são entidades desvinculadas da cultura e da história de um povo. Fatos linguísticos devem ser analisados levando-se em consideração não só suas características formais, mas também suas relações com as perspectivas culturais das pessoas que as produzem em sua fala. Ao mesmo tempo, a dimensão histórica de uma língua não pode ser ignorada. As interações entre falantes de diferentes línguas vivendo em regiões próximas acabam alavancando processos de mudança linguística que podem aproximar línguas pertencentes a famílias diferentes, ou vice-versa, afastar uma ou outra

4 O contexto social em que as atividades linguísticas têm lugar; as comunidades em que as normas linguísticas são compartilhadas e os atos comunicativos vistos em sua inteireza são alguns dos objetos que devem ser de interesse do linguista e do antropólogo (Ferguson 1977: 3).

língua das demais línguas que constituem uma família linguística. O investigador precisa ressaltar essas possibilidades, e buscar investigar o histórico dos contatos entre os povos para não desvirtuar sua análise. Portanto, o estudo das línguas não pode ser feito de maneira isolada em relação ao estudo da ecologia em que as línguas se inserem (Mufwene 2008; Negrão & Viotti 2012).

Fazendo uma avaliação sobre a linguística americana, que emergiu em meio aos estudos antropológicos de Boas, Chafe diz o seguinte:

É impossível saber como teria sido a linguística americana se ela não tivesse se desenvolvido onde ela pôde ter experiência de primeira mão tanto do espectro de variação quanto do grau de elementos em comum que apresentam as línguas humanas, mas sem dúvida, ela teria sido muito diferente - e certamente muito empobrecida (Chafe 1976: 5, tradução nossa).

Ao ressaltar a opinião de Chafe de que as bases boasianas da linguística americana – a observação direta da diversidade e das características comuns entre as línguas humanas – tornaram-na uma linguística bastante rica, queremos apontar que, se, em seus primórdios, a linguística brasileira tivesse se deixado influenciar por Boas, abrindo-se para um diálogo com a antropologia, ela teria desde o início encorajado a descrição das línguas nativas brasileiras em toda a sua oralidade e em sua diversidade linguística e cultural, tendo possivelmente documentado algumas que já se perderam e muitas que hoje se encontram em situação de risco. Afinal, o Brasil era/é um terreno tão fértil quanto a América do Norte em termos de variedade linguística e poderia ter proporcionado a mesma experiência de primeira mão aos linguistas brasileiros, caso eles não tivessem colocado o estudo da língua em uso em posição periférica. A linguística brasileira teria também se aberto à documentação e análise do uso do português brasileiro nas mais diferentes interações comunicativas, antecipando o início do estudo da variação sociolinguística e da análise da conversa de base etnometodológica. Se os linguistas brasileiros da primeira metade do século XX tivessem ouvido Boas, talvez áreas como o estudo de narrativas orais, da arte verbal, e mais amplamente da semiose da interação, já estivessem mais desenvolvidos por aqui. E, com certeza, a linguística brasileira teria um conhecimento mais elaborado sobre técnicas de documentação, transcrição, glosagem e tradução de dados.⁵

5 Apesar de reconhecer que a perspectiva antropológica era ainda bastante familiar na linguística praticada nos Estados Unidos de seu tempo, Ferguson admite que a maioria dos estudantes de linguística da segunda metade do século XX tinha pouco ou nenhum treinamento em antropologia, o que estava enfraquecendo as relações entre antropologia e linguística que vigoravam nos primórdios da linguística americana (Ferguson 1977: 2).

Seguindo o espírito de Boas e indo além: por uma semiótica da interação

O espírito pioneiro de Boas é inquestionável. Tendo isso em mente, cremos que, se ele fosse vivo nos dias de hoje, ele iria rever algumas de suas próprias sugestões para mais bem dar conta do uso das línguas em ecologias reais de práticas comunicativas. Uma dessas revisões seria a de ampliar o tipo de dado linguístico a ser documentado. Apesar de favorecer o estudo de narrativas orais, Boas expressava grande frustração em relação às limitações tecnológicas de seu tempo, que dificultavam a documentação de formas espontâneas de discurso (Epps et al. 2017: 42-43). Com a tecnologia de áudio e vídeo de que dispomos atualmente, com certeza Boas, se não privilegiasse, pelo menos daria grande destaque à coleta de conversas espontâneas entre os falantes de uma língua. Afinal a linguagem conversacional é o uso linguístico básico; todos os demais usos são secundários a ela e devem ser analisados a partir de seu contraste com ela (Schegloff 1979: 283; Chafe & Tannen 1987: 390; Chafe 1994: 5, 41; Levinson 2006: 85). Já em 1911, Boas parecia estar, pelo menos em parte, de acordo com isso, quando diz que “[...] se pode ganhar muita informação ouvindo-se as conversas dos nativos e participando da vida diária deles [...]” (Boas 2022: 68).

Outro aspecto da metodologia de Boas que precisaria ser revisto é que ele assumia que a sentença seria o protótipo da unidade da fala. Diz o autor:

Como toda a fala visa a servir à comunicação de ideias, a unidade natural da expressão é a sentença, isto é, um grupo de sons articulados que expressam uma ideia completa (Boas 2022: 38).

Por ter esse entendimento, Boas sugeria que os textos fossem transcritos por sentenças ou parágrafos acompanhados de suas traduções livres (Epps et al. 2017: 49). Hoje em dia, no entanto, sabemos que sentenças são unidades típicas do estudo da língua desvinculada de seu contexto de uso. Na fala, as unidades básicas são aquelas que apresentam um certo contorno entoacional e que Chafe denomina *unidades entoacionais* (Chafe 1994: 53-70). Essas unidades podem até eventualmente corresponder a sentenças, mas elas abrangem também palavras, sintagmas, ou até mesmo sons isolados. O que importa é que elas expressam uma ideia por vez.⁶ Considerando que Boas insistia na

6 Curiosamente, ao mesmo tempo em que Boas afirma que seria difícil usar palavras como *e, por, para, eram* (verbo ser/estar no pretérito, 2ª pessoa do singular e todas as pessoas do plural) para expressar ideias claras, ele menciona a possibilidade do uso lacônico da palavra *se*. Além disso ele diz que pessoas que têm treino em gramática podem usar uma desinência verbal para corrigir uma ideia anteriormente expressa. O exemplo que ele fornece é o de uma afirmação como *Ele canta lindamente*, que poderia dar margem a um comentário como *cantou*. Isso mostra que Boas estava ciente de que o que importa é que as unidades de análise expressem uma ideia; o aspecto de estrutura sentencial parece ser secundário (Boas 2022: 39).

importância dos sons efetivamente produzidos, colocando todo o peso da descrição em elementos fonéticos (Boas 2022: 26-35), acreditamos que Boas receberia com muito bons olhos a proposta de Chafe, tanto no que diz respeito a tomar as unidades entoacionais como as unidades básicas da fala, quanto em adotá-las nas práticas de transcrição.

O espírito de Boas é o de estudar a língua a partir de uma perspectiva situada. Ou seja, para Boas a língua não deve ser analisada sem que se leve em conta o contexto cultural e histórico em que ela se insere (Boas 2022: 64-65, 71-74; Epps et al. 2017: 45). Além da situabilidade da língua nessas duas macro-ecologias – cultura e história – parece-nos legítimo supor que faz parte do espírito de Boas o estudo do uso linguístico nas micro-ecologias de prática, na medida em que o autor sempre enfatiza a importância da observação e documentação das interações comunicativas entre falantes. É por isso que entendemos que uma nova área interdisciplinar de estudos da linguagem, que, nos Estados Unidos, é conhecida como *Semiótica da Interação*, *Semiótica da Comunicação*, *Semiótica Antropológica*, ou simplesmente *Semiótica*, se encaixa perfeitamente no espírito de Boas, e pode fazer avançar seus ensinamentos em direções bastante promissoras para o entendimento do processo semiótico.⁷

O uso do termo *semiótica* para fazer referência ao objeto de estudo dessa área de que vamos tratar aqui se deve a uma sugestão da grande antropóloga americana Margaret Mead. Ex-aluna de Boas, Mead fez essa sugestão por ocasião de um encontro multidisciplinar que congregava antropólogos, linguistas, educadores, psicólogos e psiquiatras interessados no estudo da significação que emerge em processos comunicativos. Para Mead, o termo *semiótica* se adequa perfeitamente bem como rótulo para abrigar os estudos da comunicação em sua totalidade, a partir das contribuições de pesquisadores de diferentes especialidades (Mead 1964).

Os estudos da semiose que se desenvolveram a partir daí tomam por base teorias e modelos que surgiram em campos externos à linguística, especialmente nas ciências sociais. Algumas dessas bases, entre outras, são a sociologia da vida cotidiana, de Erving Goffman (1959), revista recentemente por Jack Sidnell (2021); a etnometodologia de Harold Garfinkel (1967) com seus avanços propostos por Kenneth Liberman (2013); a análise da conversa, de Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974); os estudos multimodais da interação de Charles Goodwin (2018); a semiótica antropológica de Paul Kockelman (2013); a linguística antropológica de Nick Enfield (2013); e os estudos do gesto, de Adam Kendon (2004) e Jürgen Streeck (2009).

7 No Brasil, o termo *semiótica* está muito associado a uma teoria de estudos do texto de linha francesa fundada por Algirdas J. Greimas, que toma por base os modelos de signo e sistema saussurianos. A *semiótica da interação* de que vamos tratar aqui difere substancialmente da semiótica greimasiana.

Fundamentalmente, a semiótica da interação considera a semiose como uma *ação* levada a cabo por seres vivos, engajados entre si, esforçando-se por entender uns aos outros enquanto inseridos no mundo sócio-histórico e cultural em que se encontram. Estudar a semiose como uma ação situada num tempo e num espaço particulares implica levar em conta todas as suas características de contingencialidade, de oportunismo e de improvisação. Implica, também, estudar tanto aquilo que é inovador, quanto aquilo que já foi usado anteriormente e funcionou bem em diferentes tempos e espaços, podendo ser reusado com transformações em novos tempos e espaços (ações co-operativas, no sentido de Goodwin 2018). A semiose das interações é multimodal. A língua é apenas um dos elementos – e nem sempre o mais relevante – de que se valem os participantes da interação para fazer significados emergirem. Especialmente (mas não só) se a interação for face-a-face, muitos outros elementos participam claramente dessa ação: os corpos dos interactantes, por meio de gestos, de expressões faciais, de direcionamento do olhar, de orientação e tensão da postura do tronco, e os objetos materiais presentes no espaço em que a interação está se desenvolvendo. Em outras palavras, tudo pode vir a se tornar um signo, tudo pode gerar semiose. Como as interações se desenrolam no tempo, a semiose estudada a partir desse ponto de vista precisa levar em conta suas características de prospecção e de retrospectão. As interações comunicativas são engendradas por um mecanismo de retenções e antecipações, que serve para conectar os elementos da fala a tudo o que os precede e a tudo o que virá a seguir. Só assim a coerência da fala de um comunicador vai poder ser compreendida para todos os fins práticos (Garfinkel 2006 [1948]: 181). Essa característica de a fala ter sempre um olhar para frente e outro para trás constitui o que se chama *reflexividade*,⁸ e é elemento essencial para entender a emergência do significado em práticas interacionais.⁹

8 Lucy (2000: 212-213) considera a reflexividade uma das características definidoras das práticas discursivas. A reflexividade explícita é aquela mais comumente considerada. Ela diz respeito às funções metalinguísticas de fornecer explicações sobre itens lexicais, estruturas gramaticais, usos de expressões e práticas discursivas. A reflexividade implícita é a que mais nos interessa aqui. Ela funciona no nível da produção do próprio enunciado, e se revela por meio (i) do uso de expressões indexicais de pessoa, tempo, lugar, status social, etc., atreladas ao contexto imediato de uso linguístico; (ii) de pistas que revelam como o contexto de uso deve ser interpretado – o contexto maior em que ele se insere; e (iii) de elementos de trans-referênciação e de estruturação dentro do próprio enunciado, relacionando-o a unidades de ordem estrutural e discursiva mais alta.

9 Na visão de Garfinkel, a reflexividade da fala – em que o significado não está no que está dito ou na intenção do falante, mas se encontra no desenrolar das ações situadas dos interlocutores – e a indexicalidade radical da linguagem são a contraparte uma da outra. Trata-se de uma indexicalidade que não é característica de um subconjunto de expressões linguísticas (e.g. Jakobson 1990), mas que permeia todo o enunciado: “a definibilidade das expressões reside em suas consequências; definições podem ser usadas para assegurar uma coleção definida de ‘considerações’ sem que haja delimitação; a definibilidade de uma coleção é assegurada por meio de possibilidades circunstanciais de elaboração indefinida” (Garfinkel & Sacks 2012 [1970]: 224; cf Silverstein 1976).

Com o intuito de mostrar como a semiótica das interações é uma área que se enquadra no espírito de Boas e que seria de interesse para ele caso ainda estivesse vivo, vamos descrever aqui uma situação interacional que é bastante estudada entre os etnometodólogos. Esta nos parece relevante também para os antropólogos, em especial aqueles que trabalham com povos indígenas e que os acompanham em suas caminhadas pela floresta.

Trata-se da atividade de “seguir-esboços-de-mapas-enquanto-viajando”, uma atividade vivida, em tempo real. Todos aqueles que já seguiram esboços de mapas sabemos que eles podem gerar muitas incertezas e confusões, levando-nos a inconsistências. Mas, de algum modo, todos acabamos por transformar o mapa em uma orientação adequada que acaba nos fazendo chegar a nosso destino. O estudo desse tipo de atividade está bem de acordo com a proposta da etnometodologia, que é a de descrever eventos cotidianos enfatizando seu caráter dinâmico e colaborativo, investigando a maneira como as ideias emergem enquanto os eventos acontecem, como elas são compartilhadas, transformadas ou descartadas (Lieberman 2011 e 2013)

Acompanhar essa atividade deixa clara a noção de reflexividade acima mencionada, na medida em que o sentido e a relevância dos esboços contidos no mapa só emergem a partir de um engajamento reflexivo do(s) viajante(s) com a paisagem durante o uso do mapa. O viajante usa a paisagem para encontrar o sentido do mapa, enquanto usa o mapa para orientar sua exploração da paisagem (Lieberman 2013). Os esboços de um mapa passam a significar depois que o viajante examina a paisagem em busca de possíveis candidatos que possam transformar esses esboços em signos (Lieberman 2011). Ou seja, os esboços no mapa não são signos *a priori*. Eles se tornam signos por meio da interação entre viajantes, mapa e paisagem, todos se co-constituindo à medida que a viagem se desenrola.

o sentido [do mapa] não pode existir separadamente das práticas que acompanham seu uso. O mapa não contribui para essas práticas antes da ocasião em que elas ocorrem - ao contrário, é a ocasião em que as práticas ocorrem que proporciona ao mapa sua coerência, uma coerência não de ideias, mas de um conjunto de práticas (Lieberman 2013: 46-47, tradução nossa).

Há um enredamento entre a conversa dos participantes e o contexto em que essa conversa ocorre, de tal modo que se torna impossível separar um do outro. Esse enredamento não se dá linearmente: ele é tecido por meio de um vai-e-vem em que pistas do mapa levam os participantes da interação a uma sondagem do que eles podem

vir a encontrar, para, em seguida, levá-los de volta ao mapa em um retrospecto do que aconteceu em busca de uma convergência entre o que poderia ser e o que foi:

A paisagem descoberta por meio do mapa reflexivamente transforma o mapa que, assim modificado, pode ser usado para a localização de detalhes mais terrestres. Quando finalmente chegamos a nosso destino, o esboço de mapa já se tornou um arranjo profundamente texturizado, rico de sentido - mas trata-se de um arranjo de sentido para cuja formação nós oferecemos nossa própria contribuição. Não é uma circularidade viciosa, mas uma circularidade produtiva (Lieberman 2011: 83, tradução nossa).

A interação de seguir esboço-de-mapa-enquanto-viajando que vamos descrever aqui é uma instância de observação de participantes. Trata-se de uma curta viagem que fizemos até o sítio de uns amigos próximo a Campinas – SP. Infelizmente, não temos nenhuma gravação de nossa interação. Sendo assim, vamos procurar descrever nossa experiência sem poder recorrer a dados de fala. Mas acreditamos que nossa descrição venha a deixar clara a noção de reflexividade.

Aqui está o mapa que nos foi dado para que chegássemos. Já de início, pode-se ver que se trata de um esboço bem elaborado e rico em detalhes. Mas, mesmo assim, nossa viagem até nossos amigos não deixou de gerar as incertezas típicas da atividade que estávamos desenvolvendo.

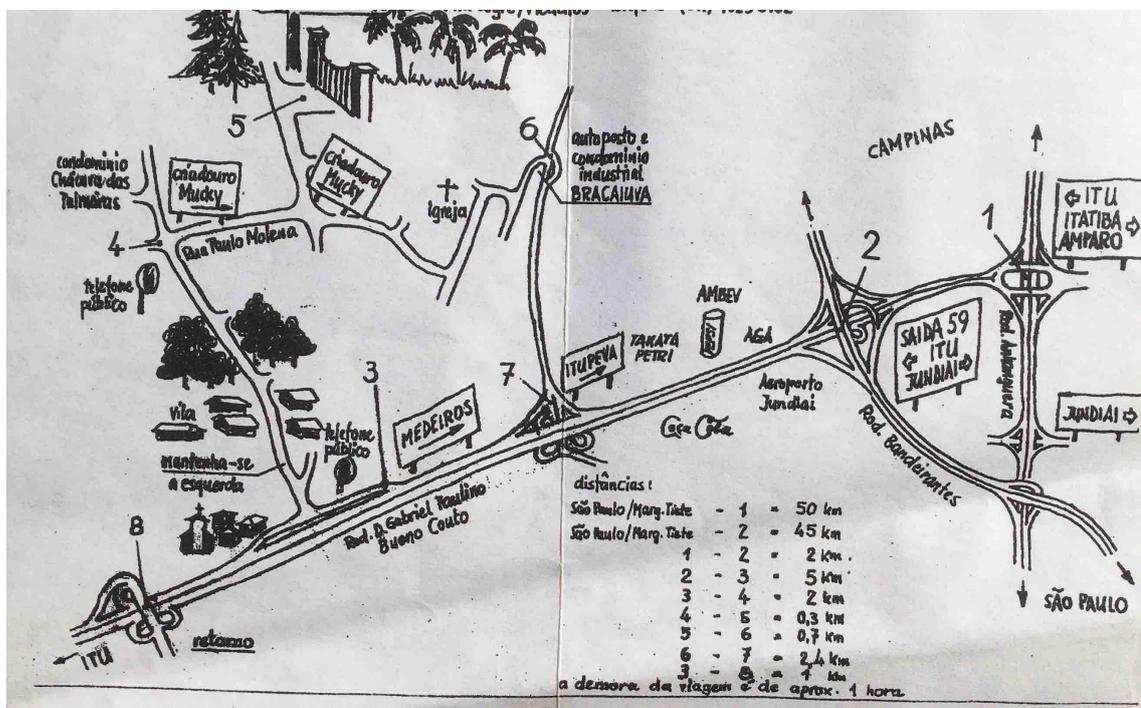


Figura 1: Esboço de Mapa.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Pegamos a Rodovia dos Bandeirantes. Leland guiava e Evani lia o mapa. Essa situação, por si só, já causava alguma tensão, porque, sem poder ver o mapa, Leland dependia totalmente das instruções de Evani. E ele sabia que isso era um risco. Nós nos conhecemos há muitos anos e Leland sabia bem da dificuldade que Evani tem em ler mapas... Ao mesmo tempo, Evani sabia bem que Leland estava ansioso com aquela situação e tinha consciência da sua responsabilidade.

A primeira ocorrência de reflexividade que queremos apontar aconteceu quando Evani viu no mapa que tínhamos que pegar a Saída 59, que, segundo o esboço no mapa, vai para Itu de um lado e Jundiaí do outro. Como Evani conhecia bem a estrada e já tinha usado essa saída algumas vezes, ela pediu a Leland que fosse pegando a pista da direita na Rodovia dos Bandeirantes, porque a placa indicativa da saída ficava muito próxima a ela. Isso gerou uma ansiedade em Leland, que só aumentou no momento em que a placa apareceu bem perto de onde tínhamos que entrar. Isso porque a placa na estrada, em vez de mencionar Itu (como no mapa), indicava Itatiba e Itupeva, duas cidades cuja posição geográfica em relação a Jundiaí Leland não conhecia (Figura 2). Ele só sabia que o nosso destino ficava do lado esquerdo da Rodovia, e que Jundiaí ficava do lado direito. Ele não sabia que essa intersecção rodoviária não era do tipo comum em formato de “trevo”, em que quem quer seguir na direção à esquerda precisa passar por baixo do cruzamento para depois entrar à direita. A incerteza só se dissolveu quando Leland, já tendo subido na pista da saída em direção a Jundiaí, viu que ela se bifurcava, abrindo uma entrada à esquerda, sinalizada com seta apontando para Itu (figura 3). A presença da palavra “Itu” na placa combinou com a expectativa criada pelo esboço de mapa, mas só depois de alguns “lances de risco” em que o motorista teve que agir sem nenhuma segurança. Felizmente, Evani, que já conhecia a estrada, tinha dito para Leland ficar à esquerda na pista da saída; senão, ele poderia ter visto a placa tarde demais para mudar de pista.



Figura 2: Saída 59, Rodovia dos Bandeirantes.
Fonte: Captura de tela, Google Maps Street View, em 14/2/2022.



Figura 3: Bifurcação, Saída 59, Rodovia dos Bandeirantes.
Fonte: Captura de tela, Google Maps Street View, em 14/2/2022.

Fomos, então, pelo caminho que parecia o correto. Mas não tínhamos qualquer segurança sobre termos feito a escolha certa. Era uma curva longa em S que passava por baixo da Rodovia e nos colocava de volta nela no sentido a São Paulo. Seguimos adiante e logo vimos à direita as instalações da AMBEV. Evani consultou o mapa e confirmou que, sim, aquele era o caminho correto. Mais uma vez, fizemos sentido de nossas atividades a partir da parceria entre mapa, paisagem e instruções.

Evani continuou lendo o mapa e notou que havia duas possibilidades de acesso à casa dos amigos: entrar à direita numa rotatória que viria a seguir, para, mais adiante entrar à esquerda, ou seguir em frente e deixar para entrar à direita em uma outra via que parecia levar mais diretamente a nosso destino. Ela disse isso a Leland e sugeriu a segunda opção. Seguimos em frente, então, bastante inseguros sobre termos feito a escolha certa, até o momento em que vimos uma configuração na estrada parecida com a que havia no esboço do mapa, com um telefone público de um lado e uma igreja de outro. O mapa nos orientava na sondagem da paisagem e a paisagem nos ajudava a fazer sentido do mapa. Pegamos esse caminho e seguimos adiante, mais aliviados. Logo apareceu um outro telefone público à esquerda e Evani confirmou no mapa que aquele telefone ficava um pouco antes de onde deveríamos entrar à direita. Fizemos isso, depois entramos na primeira à esquerda, e, finalmente, chegamos à casa de nossos amigos!

Essa nossa descrição ilustra uma *atividade vivida*, que é o objeto de estudo da semiótica da interação. O interesse está em entender como o significado emerge dinamicamente da interação de múltiplos elementos. No caso apresentado, há a interação entre Leland e Evani durante o percurso, mas também um histórico de interações entre eles durante muitos anos de amizade; há a interação de Evani com o mapa e com a paisagem; há a interação de Leland com Evani, com a paisagem, com a sinalização, e crucialmente

com a dinâmica do carro em movimento. O sentido construído nessa atividade vivida não estava em nenhum desses elementos *a priori*; ele foi emergindo durante a atividade à medida em que mapa, paisagem, instruções iam se co-constituindo reflexivamente.

Considerações finais

Uma das poucas tendências salutares do mundo acadêmico atual, mais preocupado com quantidade e não com qualidade, é o fomento à interdisciplinaridade. Como visto acima, a linguística brasileira se fundou em bases bem diferentes das da linguística americana: enquanto esta se firmava ou no âmbito da antropologia, ou próxima a ela, a primeira seguia os ensinamentos do estruturalismo de base saussuriana que propunha que, para se constituir como ciência autônoma, a linguística deveria buscar um afastamento de outras áreas do saber. Sendo assim, os estudos sobre semiose que se fazem no Brasil são, de maneira geral, norteados pelo entendimento de que tudo o que se deve estudar é interno ao sistema linguístico, ou interno ao texto. Nos Estados Unidos, em contraste, a semiose é concebida como um processo amplo, aberto a tudo o que existe ou acontece em seu entorno: pessoas, objetos, locais, tempo, cultura, história e linguagem. Essa visão americana vem sendo construída ao longo de quase um século por um grande número de pesquisadores, muitos dos quais, como vimos, vêm de áreas outras que não a linguística propriamente dita. Na base dessa visão, destaca-se o trabalho pioneiro de Boas como uma fonte de inspiração para essa abertura para a interdisciplinaridade. Na famosa introdução ao *Handbook of American Indian Languages*, de mais de cem anos atrás, já é possível ter uma ideia das possibilidades de descrição e análise de línguas que a conversa com outras áreas do saber pode gerar, e de como isso pode enriquecer nosso conhecimento sobre os seres humanos, suas línguas, sua cultura, suas práticas sociais e sua história.

Em retrospectiva, apontamos aqui que algumas práticas de Boas relativas à metodologia de descrição e análise linguística talvez precisassem ser revistas, levando-se em consideração tudo o que se sabe sobre as línguas hoje em dia. Mas tudo leva a crer que Boas seria receptivo a essas revisões, na medida em que elas se baseiam em propostas que, apesar de não serem explícitas sobre suas fontes de inspiração, parecem ter seguido o espírito de Boas.

No que diz respeito à linguística brasileira, temos certeza de que ela teria muito a ganhar ao se abrir a esse espírito! Não só ela poderia encorajar mais pesquisadores a investigar as línguas nativas brasileiras, buscando a descrição dessas línguas em seus próprios termos, como também poderia criar mais espaço para o estudo da semiose nas interações humanas em toda a sua situabilidade e em todo o seu dinamismo.

Referências

- ALTMAN, Cristina. 2021. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BECK, David; GERDTS, Donna B. 2017. "The contribution of research on the languages of the Americas to the field of linguistics". *International Journal of American Linguistics*, 83(1): 7–39.
- BERNSTEIN, Jay H. 2002. "First recipients of anthropological doctorates in the United States, 1891-1930". *American Anthropologist*, 104(2): 551–564. <https://doi.org/10.1525/aa.2002.104.2.551>.
- BOAS, Franz. 1911. *Handbook of American Indian Languages*. Washington, DC: Government Printing Office.
- BOAS, Franz. 2004a. *Antropologia cultural*. [Seleção, apresentação e tradução de Celso Castro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BOAS, Franz. 2004b. *A formação da antropologia americana 1883-1911*. [Organizado por G.W. Stocking; tradução de M. C. L. Eichernberg]. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BOAS, Franz. 2022. "Introdução: Manual das Línguas Indígenas Americanas". [Tradução de Danilo Paiva Ramos e Lucia Ely Paiva]. *R@U - Revista de Antropologia da UFSCar*, 14(1): 15-89.
- CHAFE, Wallace L. 1976. *American Indian Languages and American Linguistics: Second Golden Anniversary Symposium of the Linguistic Society of America*. Lisse: Peter de Ridder Press.
- CHAFE, Wallace L. 1994. *Discourse, Consciousness, and Time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago/London: The University of California Press.
- CHAFE, Wallace L.; Tannen, Deborah. 1987. "The relation between written and spoken language". *Annual Review of Anthropology*, 16: 383–407.
- DARNELL, Regna. 2000. *And Along Came Boas: Continuity and revolution in Americanist anthropology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ENFIELD, Nick J. 2013. *Relationship Thinking*. Oxford: Oxford University Press.
- EPPS, Patience; WEBSTER, Anthony K.; WOODBURY, Anthony C. 2017. "A humanities of speaking: Franz Boas and the continuing centrality of texts". *International Journal of American Linguistics*, 83(1): 41–78.
- FERGUSON, Charles A. 1977. Linguistics as anthropology. In: M. Saville-Troike (ed.), *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics 1977*. Washington, DC: Georgetown University Press. pp. 1–12.
- GARFINKEL, Harold. 2018 [1967]. *Estudos de etnometodologia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Garfinkel, Harold. 2006 [1948]. *Seeing Sociologically: The routine grounds of social action*. Boulder/London: Paradigm Publishers.

- GARFINKEL, Harold; SACKS, Harvey. 2012 [1970]. "Sobre estruturas formais de ações práticas". *Veredas Atemática*, 16(2): 220–256.
- GOFFMAN, Erving. 1979. "Footing". *Semiotica*, 25(1/2): 1–29.
- GOODWIN, Charles. 2018. *Co-Operative Action*. New York: Cambridge University Press.
- HASPELMATH, Martin. 2007. "Pre-established categories don't exist: Consequences for language description and typology". *Linguistic Typology*, 11(1): 119–132.
- JAKOBSON, Roman. 1944. "Franz Boas' Approach to Language". *International Journal of American Linguistics*, 10(4): 188–95.
- JAKOBSON, Roman. 1990 [1957]. "Shifters and verbal categories". In: L. R. Waugh; M. Manville-Burston (eds.), *On Language*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 386–392.
- KENDON, Adam. 2004. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOCKELMAN, Paul. 2013. *Agent, Person, Subject, Self*. Oxford: Oxford University Press.
- KOERNER, E. F. K. 2020. *Last Papers in Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- LEVINSON, Stephen. 2006. "Cognition at the heart of human interaction". *Discourse Studies*, 8(1): 85–93.
- LIBERMAN, Kenneth. 2013. *More Studies in Ethnomethodology*. Albany, NY: State University of New York Press.
- LUCY, John. A. 1999. "Reflexivity". *Journal of Linguistic Anthropology*, 9(1–2): 212–215.
- MEAD, Magaret. 1964. "Vicissitudes of the study of the total communication process". In: T. A. Sebeok; A. S. Hayes; M. C. Bateson (eds.), *Approaches to Semiotics: Cultural anthropology, education, linguistics, psychiatry, psychology*. The Hague: Mouton & Co. pp. 277–287.
- MUFWENE, Salikoko S. 2008. *Language Evolution: Contact, competition and change*. London/New York: Continuum.
- NEGRÃO, Esmeralda V.; VIOTTI, Evani. 2012. "Em busca de uma história linguística". *Revista de Estudos da Linguagem*, 20(2): 309–342.
- REZENDE, Milka de Oliveira. *Franz Boas*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/franz-boas.htm>. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.
- PROGOVAC, Ljiljana. 2019. "Minimalism in the light of biology: What to retain and what to discard?" *Frontiers in Psychology*, 10:1–4.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. 1974. "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation". *Language*, 50(4): 696–735.

- SCHEGLOFF, Emanuel A. 1979. "The relevance of repair to syntax-for-conversation". In: T. Givón (ed.), *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press. pp. 261-286.
- SIDNELL, Jack. 2021. "Reframing 'footing'". In: M. H. Jacobsen; G. Smith (eds.), *The Routledge International Handbook of Goffman Studies*. New York: Routledge. pp. 1-17.
- SILVERSTEIN, Michael. 1976. "Shifters, linguistic categories and cultural description". In: K. H. Basso; H. A. Selby (eds.), *Meaning in Anthropology*. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press. pp. 11-55.
- SLOBIN, Dan I. 2008. "Breaking the molds: Signed languages and the nature of human language". *Sign Language Studies*, 8(2): 114-130.
- STREECK, Jürgen. 2009. *Gesturecraft: The Manufacture of Meaning*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Recebido em 12 de abril de 2022.

Aceito em 24 de julho de 2022.

Para além de Boas, no espírito de Boas: explorando a semiótica da interação

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir como a linguística brasileira poderia se beneficiar se se aproximasse do espírito dos ensinamentos de Franz Boas. Nascida sob a influência do estruturalismo europeu do Círculo Linguístico de Praga, a linguística brasileira, em primeiro lugar, tardou a reconhecer a riqueza de línguas nativas brasileiras que tinha a seu dispor e a se preocupar com sua descrição. Em segundo lugar, ela se desenvolveu a partir de um viés que buscava afastá-la de outras ciências, isolando a língua da ecologia sócio-histórico-cultural em que ela vive. Ao seguir o espírito de Boas, a linguística brasileira poderia começar a focalizar o estudo da semiose que ocorre nas interações humanas, como parte de atividades vividas por seres humanos reais e inseridos num mundo de práticas que não se limitam à linguagem, mas que envolvem toda a riqueza de seu entorno.

Palavras-chave: Franz Boas; Semiótica; Reflexividade.

An exploration in the semiotics of interaction in the spirit of Boas

Abstract

The aim of this article is to explore some of the ways in which Brazilian linguistics might benefit by revisiting the spirit and the teachings of Franz Boas. Born under the influence of the European structuralism of the Prague Linguistic Circle, Brazilian linguistics was slow to recognize the linguistic richness of Brazil's indigenous languages, and thus to dedicate resources to their description. In addition, Brazilian linguistics began with a strong preference for creating an autonomous discipline distinct from affiliated sciences and isolated from the socio-historical-cultural ecology of which it was a part. By adapting the Boasian ethos to the 21st Century, Brazilian linguistics could initiate an exploration of the semiosis that occurs in human interactions as part of the lived activities of real persons involved in a world of practices not limited to language in its narrow sense, but rather in all of its contextual richness.

Keywords: Franz Boas; Semiotics; Reflexivity.